



Entre cordéis e encantados: interagências e hibridismos no Paganismo Piaga

Between cordéis and encantados: interagencies and hybridisms in Piaga Paganism

Nico Gerhardt Dos Santos¹

PPGA-IFCH-UFPA

wladsongerhardt@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0008-3276-9072>

Resumo

Este artigo analisa o Paganismo Piaga, vertente neopagã surgida no Piauí a partir de 2007, compreendendo-o como uma experiência religiosa contemporânea marcada por interagências entre humanos, encantados, divindades e outras alteridades não humanas. A partir de revisão bibliográfica especializada e da análise qualitativa da literatura de cordel produzida por seus adeptos, examinam-se os processos de hibridismo cultural que articulam influências europeias, indígenas, africanas e narrativas populares regionais. Destacam-se entidades como a Comadre Fulozinha e as chamadas “divindades das palmeiras” da Mata dos Cocais, evidenciando seu papel na construção identitária, na relação com o território e na sacralização da paisagem. Argumenta-se que o Piaganismo mobiliza a literatura e a oralidade como dispositivos de preservação simbólica de ecossistemas, mitos e práticas rituais, oferecendo um campo analítico relevante para reflexões antropológicas sobre territorialidade, religião e alteridades não humanas.

Palavras-chave: Paganismo Piaga. Encantados. Literatura de cordel. Territorialidade.

Abstract

This article analyzes Piaga Paganism, a neo-pagan trend that emerged in Piauí in 2007, understanding it as a contemporary religious experience marked by interagencies between humans, *encantados*, deities, and other non-human alterities. Based on a specialized bibliographic review and a qualitative analysis of the *cordel* literature produced by its practitioners, it examines the processes of cultural hybridism that articulate European, Indigenous, African influences, and regional popular narratives. Entities such as Comadre Fulozinha and the so-called “palm tree deities” of the Mata dos Cocais are highlighted, evidencing their role in identity construction, in the relationship with the territory, and in the sacralization of the landscape. It is argued that Piaganism mobilizes literature and orality as devices for the symbolic preservation of ecosystems, myths, and ritual practices, offering a relevant analytical field for anthropological reflections on territoriality, religion, and non-human alterities.

Keywords: Piaga Paganism. Encantados. Cordel literature. Territoriality.

¹ Mestrando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA-IFCH-UFPA).

1. INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma diversidade de histórias e lendas. Trata-se de uma cultura popular que nasce do povo e que geralmente advém de um processo histórico-social pleno de questões de cunho moral e religioso. Não é incomum que as mesmas histórias se espalhem por diferentes estados do país, misturando-se a novos elementos. Sendo uma manifestação de nossa cultura, o cordel também é difundido nos estados do Nordeste brasileiro como forma de expressão que vem ganhando força e valorização em nossa literatura nacional. A utilização desse elemento de produção literária por um sistema religioso neopagão no Piauí, denominado Círculo Piaga ou Piaganismo, retrata de forma pedagógica e artística a beleza da cultura popular brasileira. Discute-se a importância das relações inter-religiosas dentro da linguagem e saberes populares.

Desse modo, a abordagem feita neste artigo é explorar, através de uma perspectiva metodológica da Antropologia Linguística, uma visão geral do papel da religião como espaço de contato de elementos religiosos modernos e cultura tradicional que constroem um cenário cultural único. Tal cenário é passível de conexões entre diferentes saberes, abrindo margem para um campo de pesquisa e análise dentro das práticas religiosas e mágicas do cenário brasileiro como um todo, com ênfase ao movimento Piaga de paganismo. Tem-se como pergunta norteadora: como a produção literária e folclórica de tal grupo neopagão agrega para a preservação dos recursos naturais, da cultura popular e da construção identitária de um grupo?

2. O NEOPAGANISMO E O CENÁRIO BRASILEIRO

Os movimentos religiosos podem ter o papel de facilitadores das interconexões culturais e do diálogo inter-religioso dentro da área da linguagem, simbolismos e saberes populares brasileiros. O foco recai sobre as produções literárias e artísticas feitas por esses movimentos e sua formação enquanto identidade religiosa, analisando quais influências culturais e linguísticas em suas práticas podem ser rastreadas.

Uma maneira de pensar a relação entre linguagem e identidade, evidente nas produções feitas pelo Núcleo de Estudos Críticos em Linguagem, Educação e Sociedade da UFF (Windle *et al.*, 2020), é a de performatividade. Essa perspectiva enfatiza os enunciados como ação no mundo que identifica situações nas quais uma fala não somente descreve alguma realidade, mas a altera. Ou seja, certos tipos de fala têm uma função performativa. Além disso, em um estudo feito pela linguista Vanessa de Siqueira Labarrere (2006), que teve como objetivo principal estudar a doutrina religiosa do Vale do Amanhecer a partir de seu vocabulário, identificou-se na doutrina uma série de elementos culturais de diversos sistemas culturais, religiosos e mitológicos. Por meio da comparação entre o significado que possuem em seu sistema cultural de origem e o que adquirem no Vale do Amanhecer, torna-se possível observar a reestruturação desses elementos para se adaptar ao novo sistema.

Acerca dos movimentos neopagãos no Brasil, os antropólogos Daniela Cordovil e Dannyel Teles de Castro (2015), em sua pesquisa "Urbe, tribos e deuses: Neopaganismo

e o espaço público em Belém", trabalham com a sociabilidade destes grupos em espaços públicos da capital paraense e em como estes grupos contribuem para a construção de novas formas de sociabilidade entre os jovens, gerando mudanças no cenário religioso da cidade. Segundo os autores, o neopaganismo constitui um termo que abrange diferentes movimentos religiosos politeístas que possuem alguns traços similares, como o culto a divindades que remontam a civilizações pré-cristãs, a sacralização da natureza e uma identidade litúrgica voltada às mudanças sazonais, entre outros. Bezerra (2015) define o neopaganismo como:

Esses movimentos são politeístas, animistas, panteístas, entre outros. Procuram pôr a vida humana em harmonia com os ciclos da Natureza vista como “presença” e “expressão” da divindade. As principais religiões são a Wicca, o Druidismo moderno, o Reconstrucionismo Saxão ou Ásatrú, e o Xamanismo (Bezerra, 2015, p. 87).

Nota-se que a comunhão com a natureza destas vertentes religiosas é um ponto central em suas crenças. Dentre elas, a religião Wicca se popularizou nos últimos anos, pois diferencia-se de outras vertentes de religiosidades pagãs pela característica de institucionalização de práticas². Tendo como um de seus grandes fundadores o bruxo Gerald Gardner, que é citado em pesquisas sobre a religião.

A historiadora Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo (2015), em sua pesquisa "A Wicca e a metamorfose da bruxa", contextualiza que no Brasil a Wicca tem seus primeiros registros de popularização apenas na década de 1990, quando traduções de obras consagradas na Europa passaram a circular no país, tais como *O Poder da Bruxa* (Cabot, 1990), *Dança Cósmica das Feiticeiras* (Starhawk, 1993) e, em 2003, a obra *A Bruxaria Hoje*, de Gerald Gardner, que teve sua primeira impressão brasileira. No cenário brasileiro, a autora Márcia Frazão, que não se considera wiccana, é reconhecida por inúmeras obras voltadas ao ensinamento das artes mágicas; sua obra mais conhecida é *A Cozinha da Bruxa* (1994), na qual compila receitas culinárias e apresenta estudos sobre como determinados ingredientes adquirem características religiosas no contexto mágico.

Retomando a pesquisa de Cordovil e Castro (2015) em relação aos registros de celebrações pagãs em espaço público, existe a observação de uma troca de influências culturais durante a Celebração do Dia da Terra, realizada no dia 19/04/2015 pelo grupo de Druidismo Clann an Samaúma no espaço “Ruínas do Castelinho”, localizado no interior do Bosque Rodrigues Alves. Na ocasião, a líder do clã reuniu cerca de 30 pessoas em uma roda de conversas e meditações voltadas à deusa celta Danu, sendo posteriormente realizadas diversas danças circulares em honra à natureza, algumas delas com canções indígenas sagradas do povo Yawanawá, que vive no Acre (onde a líder do

² Nota-se o desenvolvimento de organizações formais que promovem as práticas religiosas, como a Associação Brasileira da Arte e Filosofia da Religião Wicca (Abrawicca), criada em 1998, e a União Wicca do Brasil (UWB), em 2004.

Clann an Samaúma morou durante algum tempo). Isso demonstra que o cenário do neopaganismo brasileiro é um espaço de trocas linguísticas extremamente rico.

Diante deste cenário, surge a importância de analisar a produção cultural e religiosa dentro de um movimento neopagão que se utiliza, também, de uma identidade cultural tradicional brasileira. Um cenário marcado pelas trocas simbólicas, espirituais e sociais dessa região, que refletem na construção de um *ethos* religioso performático através de ritos, palavras e elementos místicos marcantes dentro dos imaginários tradicionais. Abre-se, assim, um campo de pesquisa vasto ainda a ser explorado em relação a estudos de contato e interconexões antropológicas, principalmente sobre entrecruzamentos e fluxos de cultura.

3. O HIBRIDISMO: ENTRECRUZAMENTO E FLUXO CULTURAL

O hibridismo é entendido como o resultado das interações culturais possibilitadas pelos fluxos e pelas fronteiras móveis. O termo remete à mistura, à combinação de elementos culturais distintos que se fundem em novas formas. Desafia, portanto, as ideias puristas de cultura, etnia ou identidade. Em vez de culturas “puras” e autênticas, o hibridismo mostra que as culturas estão sempre em processo de transformação, influenciadas pelas trocas e pelos encontros. Hannerz (1997) destaca que o hibridismo pode ser tanto espontâneo quanto estratégico, ou seja, grupos sociais podem adotar elementos de outras culturas como forma de afirmação, resistência ou sobrevivência.

Esse conceito é útil para analisarmos fenômenos como a música de fusão, a culinária globalizada, os estilos de vida urbanos e as identidades migrantes, considerando as relações de poder envolvidas nas trocas culturais. Deste modo, a existência legal de um grupo está vinculada às questões de interações sociais, dependendo das ações e dos significados que são produzidos no campo de reconhecimento dos direitos de cidadania, os quais só podem ser interpretados se encontrados situados em formas de organização social e uma práxis de comunicação (Barth, 1987), sendo esse o caso do movimento Círculo Piaga.

4. O PIAGANISMO: O NEOPAGANISMO PIAGA

De acordo com o fundador do Círculo Piaga, Rafael Nolêto, o Piaganismo ou Paganismo Piaga é um termo utilizado para descrever o conjunto de tradições pagãs regionais praticadas por grupos politeístas da região do Piauí. Caracterizado por ser um culto endêmico da região piauiense, é praticado por grupos denominados "Aldeias", espalhadas por municípios como Teresina, Parnaíba e São Raimundo Nonato. O termo "piaga" teria o significado de "propagador de fé" e seria referente a antigos sacerdotes de culto solar, líderes espirituais que habitaram a região onde atualmente encontra-se o Piauí antes da chegada dos portugueses. Alguns teóricos defendem que o termo piaga deu origem ao nome atual do estado do Piauí, que significaria literalmente "terra de piagas".

Souza (2021), ao analisar a formação histórica do movimento, salienta que o Piaganismo tem como base algumas referências que são controversas. Porém, junto com fontes literárias, crônicas e a mitologia regional, conferem sentido à sistematização da

vertente religiosa politeísta. Em 2012, os neopagãos teresinenses formularam suas concepções do que seria o Paganismo Piaga, que, por sua vez, considerava a influência de conhecimentos e saberes ditos folclóricos e tradicionais locais.

5. PROCESSOS METODOLÓGICOS

O trabalho utiliza a metodologia qualitativa, com ênfase na análise bibliográfica e documental de registros históricos, relatos memorialistas e literatura especializada sobre o corpo fechado no sertão do norte de Minas Gerais. A investigação visa captar a relação entre as narrativas de invulnerabilidade e as estruturas sociais, religiosas e políticas da região, tendo como referência a tradição oral, bem como os registros escritos que foram consolidando a crença ao longo do tempo.

A investigação ampara-se em fontes secundárias, abrangendo textos históricos, estudos antropológicos e literatura ficcional que compõem o universo do corpo fechado. Foram selecionados textos que tratam das representações culturais, das práticas espirituais e dos usos políticos dessa crença, de modo a estabelecer interlocuções entre a construção simbólica do corpo fechado e sua função no interior das disputas do poder e na manutenção da autoridade no sertão.

A análise documental inclui documentos de pesquisas sobre o sertão mineiro e suas tradições espirituais, bem como obras memorialistas que trazem relatos sobre figuras históricas vinculadas ao corpo fechado. Entre os documentos analisados, constam estudos sobre banditismo social, religiosidade popular e narrativas sobre a resistência à morte. Eles foram comparados a fontes literárias, particularmente a obra de Guimarães Rosa, onde seus personagens manifestam a crença na invulnerabilidade e suas implicações no universo sertanejo.

A metodologia adotada possibilita uma análise mais profunda da relação entre misticismo, violência e poder no sertão, tornando explícito como a crença na invulnerabilidade não só era um traço de comportamento das figuras históricas, mas também constituía percepções coletivas acerca de poder e resistência. O estudo ainda fundamenta-se em um diálogo interdisciplinar entre história, antropologia e literatura, que permite a apreensão das múltiplas versões do corpo fechado no imaginário sertanejo.

O Paganismo Piaga, enquanto uma manifestação religiosa, parte também da necessidade de se demarcar, por exemplo, em relação à religião predominante, o Cristianismo. Para tanto, a proposta é perceber como as lendas e mitos piauienses, de cultura popular, podem configurar entidades sagradas. Com isso, no contexto de busca dos fundamentos para o Piaganismo, uma das principais fontes do grupo foram obras literárias e narrativas culturais populares (Souza, 2021, p. 100).

Tendo como local natural de culto a Mata dos Cocais — um dos ecossistemas presentes no Nordeste brasileiro, mais precisamente na sub-região Meio-Norte —, Rafael

Nolêto (2018) destaca a importância essencial desse bioma e a influência de suas divindades dentro do culto Piaga. Nessa região de extensas florestas, que atravessam os limites de vários estados, encontram-se diversos cultos ligados à Mata dos Cocais, para além daqueles denominados especificamente como piagas. No Piaganismo, as palmeiras nativas da Mata dos Cocais são consideradas manifestações físicas das próprias divindades que as regem. Portanto, a relação que os adeptos estabelecem com essas árvores é de profundo respeito e sacralidade. No entanto, por trás do discurso religioso neopagão, busca-se promover um olhar de sacralidade para com esse espaço, que é marcado por tensões políticas e sociais.

Por isso, embora seja configurada como uma “tradição inventada”, trata-se de um movimento fundamentado em um conjunto de crenças tradicionais, sob a premissa do resgate histórico, folclórico e religioso de um passado indígena no Piauí. Nesse sentido, pretende-se abordar os aspectos que envolvem parte de suas produções culturais, com foco na literatura de cordel e em outras obras correlatas.

6. PIAGANISMOS E OS CORDÉIS: MITOLOGIA, CULTURA POPULAR E DEUSES

Segundo Penha, Lima e Souza (2017), o cordel pode ser definido como um gênero literário popular brasileiro, caracterizado por poemas impressos em folhetos, frequentemente com rimas e ilustrações, tradicionalmente expostos para venda pendurados em cordões ou barbantes — origem de sua nomenclatura. A literatura de cordel utiliza suas composições para retratar fatos do cotidiano, o que promove identificação com o povo, criando laços afetivos com suas raízes, valorizando-as e sustentando-as. Além disso, propicia reflexões sobre diversos aspectos da sociedade, evidenciando a riqueza das variações linguísticas de nosso país ao abordar temas variados.

Considerando esse cenário, os adeptos do Paganismo Piaga constroem um *corpus* literário que forma uma coletânea simbólica e pedagógica, reunindo as características da crença piaga. Sendo assim, a metodologia aplicada à análise será a qualitativa. Segundo Brasileiro (2022), esta metodologia ocupa-se da interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados para a construção de sentidos, o que será feito através de um estudo de caso amparado no método monográfico de Le Play. Brasileiro (2022) defende que uma análise em profundidade pode ser considerada representativa de outros casos de igual natureza e semelhança. O intuito é caracterizar a construção pretendida pelos praticantes ao transmitirem suas crenças por meio de uma literatura que se vincula tanto a práticas pagãs europeias quanto a manifestações tradicionais nordestinas, partindo, sobretudo, de saberes e práticas folclóricas. Nesse sentido, tal construção pode ser observada nas imagens a seguir:



Imagem 1 – Capa do livro de cordel *Lendas e Assombros de Valença*. Fonte: acervo pessoal do autor (2025).

Para todos verem: ilustração, em estilo xilogravura branca sobre fundo azul escuro, apresenta uma figura central masculina com chapéu e cauda pontiaguda, caminhando sobre o telhado de pequenas casas. Ao redor, figuram elementos místicos e folclóricos: uma lua crescente, estrelas, um cavaleiro, um animal fantástico, uma cruz, uma estrela de seis pontas e uma pequena igreja.



Imagem 2 – Capa do livro de cordel *Comadre Fulozinha*. Fonte: acervo pessoal do autor (2025).

Para todos verem: ilustração, em estilo xilogravura branca sobre fundo azul escuro, apresenta a entidade no centro, vestida com trajes de manchas e usando uma coroa de flores. Ela segura um ramo em uma das mãos e um chicote na outra. O cenário é composto por uma árvore frondosa à esquerda e um cacto mandacaru à direita.



Imagem 3 – Capa do livro de cordel *Ziza: a deusa dos olhos de esmeralda*. Fonte: acervo pessoal do autor (2025).

Para todos verem: ilustração, em estilo xilogravura branca sobre fundo azul escuro, apresenta no centro uma divindade feminina com longos cabelos e braços abertos. Ela está cercada por elementos da flora local, como palmeiras de carnaúba e buriti. Abaixo da figura, há representações de pequenos animais e símbolos celestes, como estrelas e uma lua, reforçando a conexão da entidade com a natureza e o cosmos.

Através da análise inicial das capas dos livretos acima, percebe-se o agenciamento de conhecimentos e saberes mitológicos e simbólicos da cultura popular piauiense no formato de cordel pelos adeptos do Piaganismo, sendo importante para a reafirmação enquanto uma religiosidade nativa, como no caso da figura folclórica da Comadre Fulozinha, protetora das matas, e da coleção de lendas e assombros da região de Valença, no Piauí. Contudo, nota-se na Imagem 3 que o cordel trata da figura mitológica da deusa pagã Ziza, proveniente da Alemanha, que acaba adquirindo elementos simbólicos dentro do culto do Piaganismo que constroem sua imagem enquanto “Santa Deusa”, reforçando as noções de fluxos culturais e hibridismos dentro do Paganismo Piaga:

Lá da velha Alemanha / A santa deusa partiu / espalhando as suas bênçãos /
Também para o Brasil / Deixando bem inspirado / quem sua história ouviu /
“Desatai, nobre rainha / Deusa de bom coração / atendei o meu pedido, /
escutai minha oração” (Noleto, 2023, p. 10).

Como podemos perceber na citação acima, as narrativas do Paganismo Piaga, apesar de considerarem aspectos da cultura popular piauiense, sofrem influências de diferentes vertentes culturais europeias, indígenas e africanas, abrindo-se o questionamento se tal movimento religioso se relaciona com os conceitos de tradicionalidade, preservação e territorialidade.

6.1 O movimento piaga: noção de comunidade e territorialidade

O conceito de “populações tradicionais” é usado amplamente em contextos de preservação ambiental, especialmente em relação a comunidades que habitam áreas remotas e possuem formas de vida e práticas culturais que estão em harmonia com o meio ambiente. No entanto, Diegues (1994) descreve as populações tradicionais como aquelas que mantêm uma relação simbiótica direta com a terra, cujas práticas sociais e culturais são moldadas por um conhecimento profundo do ecossistema local. Tal conceito não é homogêneo e pode variar conforme diferentes contextos sociais e experiências culturais. Em algumas situações, as populações tradicionais podem estar associadas a um modo de vida que utiliza os recursos naturais de maneira equilibrada, respeitando os ciclos ecológicos, enquanto em outros casos, podem ser vistas como responsáveis por uma construção simbólica de um território.

Segundo os autores Cunha e Almeida (2001), povos indígenas, seringueiros, ribeirinhos, castanheiros e outras populações tradicionais desenvolvem práticas que contribuem de maneira direta para a conservação da floresta e para a construção do bioma. Esses grupos não são obstáculos à proteção ambiental, mas agentes fundamentais para tal empreitada. O meio ambiente não é apenas algo a ser “preservado” por essas comunidades, mas transformado por elas de maneira compatível com a manutenção de sua biodiversidade. Existe uma correlação entre a sustentabilidade ecológica e a sustentabilidade social e cultural daqueles que a mantêm através de seus modos de vida.

Nesse contexto, a territorialidade não é apenas sobre a manutenção do território físico, mas também sobre a preservação de formas de vida e práticas culturais que estão intimamente ligadas a ele. Little (2018) reconhece as relações fluidas e adaptativas dos povos com seus territórios. Essa abordagem envolve a compreensão das práticas de uso da terra como uma construção social e simbólica, moldada por processos históricos, políticos e econômicos, que passam a se tornar espaços de identidade e de resistência, onde os saberes tradicionais se entrelaçam com os recursos naturais.

No caso do movimento do Piaganismo, tal fenômeno acaba envolvendo o conceito de “comunidade” ligada à valorização de uma identidade cultural pautada em saberes populares e cosmologias tradicionais presentes na região do Nordeste. Para Vieira (2020), as ambiguidades no uso dessa categoria ocorrem pois o conceito de “tradicional” não é fixo e tem sido alvo de disputas tanto dentro das comunidades quanto entre diferentes autores e movimentos sociais, sendo reconfigurado de acordo com os desafios impostos pelas mudanças sociais e políticas.

Retomando Souza (2021), em sua análise histórica sobre o Piaganismo, foi possível perceber que o discurso religioso dessa comunidade pagã está ligado à busca de promover a sacralidade com a terra e uma relação de respeito e conexão simbólica de suas práticas litúrgicas com a figura das palmeiras nativas das Matas dos Cocais. Esta noção de uso ritualístico transpassa as fronteiras desse ecossistema, que percorre as florestas úmidas da Amazônia e o clima semiárido do Sertão, estando localizado entre a Amazônia (oeste), a

Caatinga (leste) e o Cerrado (sul). No livro *A Magia das Palmeiras: Divindades da Mata de Cocais*, Rafael Nolêto (2019) explica que a “corrente nativa” do culto Piaga se baseia em três divindades principais: Senhora Carnaúba, Mestre Babaçu e Mestre Buriti.

6.2 Comadre Fulozinha: a guardiã das matas

Gomes (2021), ao caracterizar uma “arqueologia brasileira”, utiliza os conhecimentos locais para a compreensão da paisagem como uma construção histórica, simbólica e religiosa. A arqueóloga usa os parâmetros de uma “paisagem viva”, marcada por relações antropizadas. Nesse sentido, surge o termo “encantado” como uma metáfora que remete às presenças invisíveis — entidades espirituais, memórias e afetos — que habitam os lugares e moldam a forma como são percebidos.

No caso do Piaganismo, existe o resgate dessas entidades enquanto agentes de mudanças em sua literatura, como é o caso de *Comadre Fulozinha: as origens da guardiã das matas*, um cordel baseado na figura de caráter ambíguo que atua como um espírito de cabocla ligada à terra (Mãe das Matas), possuindo importância nos cultos de Jurema e no Piaganismo. Considerada uma entidade divina que age tanto para o bem quanto para o mal, exerce a função de guardiã da floresta:

Só não pode dar pimenta / senão ela se enfurece / Mete taca no sujeito / De modo que nunca esquece / “-Fulozinha, Fulozinha, / Encantada da Floresta!” / É assim que a evocamos / e logo se manifesta / Com os seus cabelos longos / Venha cumprir sua sina / Para os bons, és protetora / Para os maus, és assassina / Menininha encantada / Vem buscar seu doce Mel / Seu mingau, aveia e leite / Pra ti, tiro o meu chapéu / Vem livrar-me dos perigos / Recebas minha oferenda / Fumo de rolo, eu dedico / Sigo em frente, em minha senda (Noleto, 2023, p. 14).

Nesse sentido, deve-se entender tal conhecimento não apenas através do relativismo, mas como uma forma de saber ligada a sistemas de povos tradicionais (indígenas, quilombolas e caboclos) que são retomados por meio de novas sociabilidades, como os praticantes do Piaganismo e suas obras literárias em cordel.

6.3. Oralidade, literatura e mitos piagas

O aspecto principal de análise deste trabalho é a forma como a mitologia Piaga busca sua consolidação através da oralidade e de suas obras literárias. Souza (2021) explica que, para o fundador do movimento, a oralidade foi fundamental para a sobrevivência dos mitos, visto que a literatura formal ainda possui apelo limitado em parte do Piauí. Assim, os mitos foram sistematizados por relatos, cantigas e provérbios. Os folhetos produzidos pelos adeptos reafirmam o valor da crença, como exemplificado em *Lendas e assombros de Valença do Piauí*.

Este belo município / Não tem só assombração / Nele que foi princípio / De uma veneração / Um santo, que a este povo / causou grande comoção / no ano mil novecentos / e vinte e cinco nasceu / Famoso Tertuliano / Que doente, padeceu / Sofrendo com o abandono / em quarenta e oito, morreu / Lá do cemitério, Terto / Não pode ser enterrado / Um santuário, ali perto / A ele, foi dedicado / Quem fez pedido, deu certo / Foi, por ele, agraciado / Essas e outras histórias / Fazem parte de Valença / São variadas memórias / Almas com suas sentenças / São marcantes suas trajetórias / Partes de diversas crenças (Noletto, 2023, p. 10).

Nessa perspectiva, a literatura funcionaria como o procedimento ritualístico de preservação da tradição. A religião Piaga desenvolve seus ritos utilizando a linguagem simbólica tradicional piauiense e elementos de outras religiosidades neopagãs apropriadas ao contexto sociocultural, visto que o ritual é o mito em movimento. A literatura Piaga mantém o mito vivo na comunidade e auxilia na divulgação dessa identidade ligada ao ecossistema brasileiro.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do Paganismo Piaga evidencia como as tradições religiosas contemporâneas podem se constituir a partir de processos criativos de reinvenção simbólica e da articulação de saberes heterogêneos. Embora possa ser compreendido como uma "tradição inventada", o Piaganismo construiu sua legitimidade por meio da mobilização de mitos regionais, práticas rituais e narrativas literárias que reforçam vínculos com a paisagem e com a cultura popular nordestina.

Ao recorrer à literatura de cordel e à oralidade como meios privilegiados de transmissão de saberes, o movimento estabelece uma relação performativa entre mito, ritual e território, na qual humanos e não humanos participam ativamente da construção da experiência religiosa. Nesse sentido, o Paganismo Piaga revela-se como um espaço de interagência e hibridismo que contribui para a preservação simbólica de ecossistemas, para a valorização de narrativas locais e para a produção de novas formas de pertencimento cultural.

Assim, o estudo do Piaganismo amplia o debate antropológico sobre religiosidades contemporâneas, territorialidade e alteridades não humanas, demonstrando como práticas religiosas emergentes podem operar como mediadoras entre tradição e modernidade, natureza e cultura, memória e invenção.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kallyne Fabiane Pequeno de. **A Wicca e a metamorfose da bruxa**. 2015. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Organização de Tomke Lask. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BEZERRA, Karina Oliveira. **A Wicca no Brasil: adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife**. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

BRASILEIRO, Ada M. M. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

CORDOVIL, Daniela; CASTRO, Dannyel Teles de. Urbe, tribos e deuses: Neopaganismo e o espaço público em Belém. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 6, n. 1, p. 116-139, 2015.

CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro. Populações indígenas, povos tradicionais e conservação na Amazônia. In: CAPOBIANCO, J. P. *et al.* (ed.). **Biodiversidade na Amazônia Brasileira**. São Paulo: Instituto Socioambiental; Estação Liberdade, 2001. p. 184-193.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB/USP, 1994.

GOMES, Jaqueline. Desvios e encantados: uma outra arqueologia da paisagem na Amazônia. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 61–73, 2021.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

LABARRERE, Vanessa de Siqueira. **O vocabulário da doutrina religiosa do Vale do Amanhecer como índice de crioulização cultural**. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LITTLE, Paul. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Brasília: UNB, 2018. (Série Antropológica, 322).

NOLÊTO, João Rafael Almeida. **A magia das Palmeiras: divindades da Mata de Cocais**. [S. l.]: Clube de Autores, 2018.

NOLÊTO, João Rafael Almeida. **Coletânea literatura de Cordel**. [S. l.]: Biblioteca da Vila Pagã, 2023.

PENHA, Gisela Maria de Lima Braga; LIMA, C. M. B. M.; SOUZA, M. D. M. A literatura de cordel e suas contribuições para o ensino da leitura na sala de aula. **TROPOS: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 6, p. 1-16, 2017.

SOUSA, Antonio Emanuel Batista de. **O neopaganismo em terras de piagas: experiências neopagãs, aspectos formadores do Piaganismo e a construção da Vila Pagã no Piauí (2007-2021)**. 2021. 188 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

VIEIRA, Renata C. Em busca de um conceito: o uso estratégico da categoria “povos e comunidades tradicionais” na luta por direitos socioambientais. **Revista InSurgência**, Brasília, v. 5, n. 1, 2020.

WINDLE, Joel Austin; SAVEDRA, Monica Maria Guimarães (org.). **História, política e contato linguístico**. 1. ed. Niterói: Eduff, 2023.

Recebido em 21 de agosto de 2025

Aceito em 08 de janeiro de 2026